

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História dos Animais: Fontes, Temas e Problemas

Ast... primeira... especialidades em doces... para casamentos, baptipara casamentos, baptisados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a unica depositaria da... mada Guarana Espumantada Guarana Espumantada... do excelente choro... do excelente choro... Laeta, fabricados em Laeta, fabricados em... S. Paulo pelos Srs. ZOS. Paulo pelos Srs. ZOS... motta Loureiro & Companhia Loureiro & Cia... A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira

Ast... primeira... especialidades em doces... para casamentos, baptipara casamentos, baptisados e banquetes. E' osados e banquetes. E' a unica depositaria da... mada Guarana Espumantada Guarana Espumantada... do excelente choro... do excelente choro... Laeta, fabricados em Laeta, fabricados em... S. Paulo pelos Srs. ZOS. Paulo pelos Srs. ZOS... motta Loureiro & Companhia Loureiro & Cia... A Confeitaria Brasileira Confeitaria Brasileira





**Obra publicada pela
Universidade Federal
de Pelotas**

Reitora: Isabela Fernandes Andrade Vice-Reitora: Ursula Rosa da Silva Chefe de Gabinete: Rafael Eicholz Rutz Pró-Reitora de Ensino: Maria de Fátima Cossio Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: Flávio Fernando Demarco Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Eraldo dos Santos Pinheiro Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Paulo Roberto Ferreira Júnior Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Rosane Maria dos Santos Brandão Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Taís Ullrich Fonseca Superintendente do Campus Capão do Leão: Gilberto D'Ávila Vargas Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: Julio Carlos Balzano de Mattos

Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR) Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR), Francieli Moro Stefanello e Marla Piumbini Rocha Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR), Cláudio Martin Pereira de Pereira e Jairo Valões de Alencar Ramalho Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Jucimara Baldissarelli e

Zayanna Christina Lopes Lindoso Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro Representantes da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Silvana Schimanski e William Daldegan de Freitas Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Daniel Soares Duarte e Luís Fernando Hering Coelho

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

Vice-Diretora: Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

História em Revista – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Prof^a. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Prof^a Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEl)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Prof^a. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Prof^a. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Prof^a. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Prof^a Dr^a Isabel Drummond Braga (Universidade de Lisboa) | Prof. Dr. Rafael Afonso Gonçalves (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Zacharias Wagner (1614-1668) - Tamanduá-açu (ilustração).

Pareceristas ad hoc:

Ana Carolina de Carvalho Viotti, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Marília)
André Ulysses De Salis, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)
Ângela Domingues (Universidade de Lisboa)
Gabriel Elycio Maia Braga, Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)
Gabriel Ferreira Gurian, Universidade de São Paulo (USP)
Gabriel Lopes, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
Janaina Salvador Cardoso, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)
Jeferson dos Santos Mendes, Universidade Federal do Amapá
Paulo Drummond Braga (Universidade Aberta Centro de Estudos Globais, Portugal)
Ricardo Pessa de Oliveira (Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, Portugal)
Rodolfo Nogueira Cruz, Centro Universitário Barão de Mauá
Teresa Sousa Nunes (Universidade Nova de Lisboa)
Waslan Sabóia Araújo, Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Franca)

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Edição: 2025/1

ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEl/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 - <http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História dos Animais : Fontes, Temas e Problemas) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.30, n.1, jan. 2025. – Pelotas: UFPel/NDH, 2025 – 185 p. ; 5,30 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Animais 3. Fontes

CDD: 907

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
PRESENTATION	
HUMANOS E OUTROS ANIMAIS NO PORTUGAL MEDIEVO: ARTICULAÇÃO E SOLUÇÕES DE UM PROJECTO CIENTÍFICO MULTIDISCIPLINAR	10
HUMANS AND OTHER ANIMALS IN MEDIEVAL PORTUGAL: ARTICULATION AND SOLUTIONS OF A MULTIDISCIPLINARY SCIENTIFIC PROJECT	
Tiago Viúla de Faria	
OS TATUS COMO OBJETOS DO CONHECIMENTO NATURAL (SÉCULOS XVI-XVIII)	33
ARMADILLOS AS OBJECTS OF NATURAL KNOWLEDGE (16TH-18TH CENTURIES)	
Rebeca Capozzi	
AS TRABALHADORAS DA PROVÍNCIA: A EXPLORAÇÃO DE TARTARUGAS DA AMAZÔNIA (<i>PODOCNEMIS EXPANSA</i>), NA PROVÍNCIA DO AMAZONAS, DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	53
THE WORKERS OF THE PROVINCE: THE EXPLOITATION OF AMAZON TURTLES (<i>PODOCNEMIS EXPANSA</i>), IN THE PROVINCE OF AMAZONAS, DURING THE SECOND HALF OF THE 19TH CENTURY	
Robert Alves Pinho	
NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA: A SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS (1875-1890)	73
BIRTH AND AFFIRMATION OF A PORTUGUESE INSTITUTION: THE SOCIETY FOR THE PROTECTION OF ANIMALS (1875-1890)	
Paulo Drumond Braga	

- UMA BREVE HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE O SER HUMANO E A ONÇA PINTADA NO BIOMA PANTANAL** 88
A BRIEF HISTORY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN HUMANS AND JAGUARS IN THE PANTANAL BIOME
Fabiano Quadros Rückert
- OS VEGETARIANOS UTÓPICOS E A DEFESA DOS ANIMAIS EM PORTUGAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX** 110
PORTUGUESE UTOPIAN VEGETARIANS IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY
Isabel Drumond Braga
- SOB AS RÉDEAS DO NAZISMO: OS CAVALOS LIPIZZANERS E O IDEÁRIO DE PUREZA RACIAL** 126
UNDER THE REINS OF NAZISM: THE LIPIZZAN HORSES AND THE IDEOLOGY OF RACIAL PURITY
Daniely Santos Ramos Costa | Lucas Matheus Araujo Bicalho | Ester Liberato Pereira
- HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA** 140
HISTORY OF MATHEMATICS TEACHER TRAINING IN THE SOUTH OF RIO GRANDE DO SUL: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW
Mélany Silva dos Santos | Lavinia Schwantes
- “O QUE OS OLHOS NÃO VÊM O CORAÇÃO NÃO TEME”: O HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS E OS DISCURSOS DE COMBATE A LEPROSA NA PARAÍBA (1930-1941)** 156
“WHAT THE EYES DO NOT SEE, THE HEART DOES NOT FEAR”: THE HOSPITAL COLÔNIA GETÚLIO VARGAS AND THE SPEECHES TO COMBAT LEPROSY IN PARAÍBA (1930-1941)
Alexandro dos Santos | Laís Vasconcelos Santos
- OS POSITIVISTAS RELIGIOSOS BRASILEIROS E OS ANIMAIS (1902)** 177
BRAZILIAN RELIGIOUS POSITIVISTS AND ANIMALS (1902)
Paulo Pezat

OS TATUS COMO OBJETOS DO CONHECIMENTO NATURAL (SÉCULOS XVI-XVIII)

ARMADILLOS AS OBJECTS OF NATURAL KNOWLEDGE (16TH-18TH CENTURIES)

Rebeca Capozzi¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo principal analisar a constituição do quadrúpede americano tatu, também conhecido como armadillo, enquanto objeto científico do conhecimento natural, entre os séculos XVI e XVIII. O tatu, conhecido, ilustrado e descrito, desde meados do século XVI, por naturalistas europeus que estiveram no Novo Mundo, ou que acessaram este animal (inteiro e em partes) em coleções na Europa, ficou conhecido, principalmente, pela sua morfologia externa, escamosa, mas também pelos seus possíveis usos terapêuticos. Com o intuito de compreender a constituição deste animal como objeto do conhecimento terapêutico e natural, analiso crônicas, tratados de medicina e histórias naturais do Novo Mundo. Para tanto, faço aqui um diálogo entre história dos animais e história das ciências analisando algumas fontes de época, tais quais as de autoria de Athanasius Kircher (1675) e Willem Piso e Georg Marcgraf (1648).

Palavras-chaves: Tatus; Conhecimento Natural; Américas; História dos Animais; Naturalistas; Objetos Desobedientes

Abstract: The main objective of this article is to analyze the constitution of the American quadruped armadillo as a scientific object of natural knowledge, between the 16th and 18th centuries. The armadillo, known, illustrated and described since the mid-16th century by European naturalists who had been to the New World, or who had accessed this animal (whole and in parts) in collections in Europe, became known mainly for its external scaly morphology, but also for its possible therapeutic uses. In order to understand the constitution of this animal as an object of therapeutic and natural knowledge, I analyze chronicles, medical treatises and natural history of the New World. To this end, I establish a dialogue between the history of animals and the history of science.

Keywords: Armadillos; Natural Knowledge; Americas.

Introdução

A história do Armadillo é incrível. Trazem também da terra firme um osso, que é da cabeça de uma dessas feras estranhas que é todo coberto com pequenos talhos até o pé, como um cavalo coberto de armadura, pelo qual é chamado de tatu, isto é, uma besta armada. Ele é da grandeza de um jovem [...] ele tem uma cauda grande e longa como a de um Lagarto. Ele permanece na Terra, esconde-se num buraco e dizem que pode se proteger assim. [...] Ele tem sua virtude apenas na sua cauda, que sendo transformada em pó [...] feito em pequenas bolas, colocando-as no ouvido causado o penar, a substância o remove maravilhosamente [...]. Existem dessas feras nas Índias de Portugal, onde são chamadas de bestas armadas [...] (MONARDES, 1580, p. 72-73)

O trecho acima foi retirado do tratado de medicina do físico Nicolas Monardes (1493-1588). As primeiras palavras apresentadas na citação afirmam que a história do armadillo é incrível. Monardes, que publicou o tratado de história medicinal em 1574, não

¹ Doutoranda em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ, financiado com bolsa FAPERJ Nota 10. Email para contato: rebecapozzi@gmail.com

estava, entretanto, defendendo a escrita da história de um animal específico. A história contada por Monardes dizia respeito à constituição do animal e às virtudes terapêuticas que ele poderia ter.

As ditas “bestas armadas” descritas pelo físico, de fato, possuem uma história interessante. Neste artigo, estabeleço um diálogo entre história das ciências e história dos animais, a fim de analisar como os tatus, também conhecidos como armadillos, se tornaram objetos científicos do conhecimento natural, entre os séculos XVI e XVIII. Compreender de que maneiras ele pode ter sido atraente para os estudiosos do período, faz parte da própria história deste animal, entendendo aqui tal história como uma história das relações entre animais humanos e não-humanos e como ambos se afetam mutuamente. Para examinar tal problemática, faço uma análise de crônicas sobre o Novo Mundo, registros de história natural, filosofia e teologia natural, assim como manuais e tratados de medicina e de geografia produzidos e publicados ao longo do recorte temporal estabelecido.

Se parece haver uma ideia generalizada de que a teologia “animal” tratava de todos os animais, ou seja, não-humanos, a partir de uma perspectiva teológica, por outro lado, uma Teologia dos animais poderia restringir-se a uma definição mais específica, trabalhando a partir de grupos fechados de animais, como é o caso dos mamíferos (MCLAUGHLIN, 2014). Tais considerações, como apontado por Ryan McLaughlin (2014), transpareciam elementos de reflexão sobre, por exemplo, o papel das ciências na Teologia. Neste caso, a divisão entre grupos de animais já era um indício de que, para categorizar tais grupos, algum conhecimento sobre Zoologia e História Natural era necessário. No início do recorte temporal deste trabalho, mais especificamente, as diferenças entre animais não-humanos e humanos eram ainda mais destacadas, especialmente por conta do lugar de privilégio que os humanos tinham frente à Criação. Entretanto, os humanos, dentro de um paradigma utilitário e iluminista, no século XVIII, continuaram distanciados numa classificação natural e providencial produzida nos séculos XVII e XVIII, em relação aos outros animais, especialmente aqueles ditos selvagens.

Os tatus são animais nativos do continente americano. De acordo com a Associação Caatinga, sabe-se que eles habitam em savanas, cerrados, caatingas, matas ciliares e florestas úmidas. Atualmente, são cerca de 21 espécies conhecidas no mundo, sendo que 11 ocorrem no Brasil. São mamíferos placentários da superordem *Xenarthra* e ordem *Cingulata*. Os tatus são considerados seres de alta relevância ecológica, pois à medida que se alimentam de tubérculos, frutas e insetos, contribuem para o equilíbrio de populações de formigas e cupins, os quais podem causar problemas na agricultura e em residências.²

Desde o século XVI, depois do contato com as chamadas Índias Ocidentais, os cronistas e exploradores que aportavam no Novo Mundo pareciam reconhecer este animal como uma criatura que tinha sua morada exclusiva na América. Os bestiários medievais e os livros de história dos animais foram, neste contexto, revisitados para a melhor compreensão dos níveis de proximidade, ou distância entre estes “novos bichos” e aqueles que existiam e

² Para as informações, veja: <https://www.acaatinga.org.br/abcdario-da-caatinga-tatus/>

habitavam o Velho Mundo. Nesse caso, como parte das comparações entre os animais de cada continente, os exemplos morais e a personificação de animais em relação ao seu espaço geográfico eram elementos bastante utilizados – heranças gregas de obras como as de Esopo – influenciando as relações e descrições de viagens dos europeus, muitos dos quais já tinham visitado, ou escutado falar da Ásia e da África. As comparações entre leões, tigres, onças e panteras, por exemplo, foram bastante comuns, para que assim se estabelecesse uma espécie de lógica de parentesco ou não.

Os tatus, em suas diversas espécies, viajaram pelo Atlântico – vivos ou em pedaços – e passaram a ocupar lugares diferentes de seus habitats naturais, como coleções, museus e antigas farmácias. A presença e os usos desses animais americanos no Velho Mundo fizeram com que novas perguntas, e mesmo outras possibilidades de consumo de bichos considerados “exóticos” surgissem. É preciso esclarecer que, não pretendo, com este trabalho, escrever uma história social dos tatus. A história dos animais, neste artigo, é uma metodologia de análise das fontes, que, apesar de terem sido produzidas por humanos e para humanos, carregam nelas os rastros dos tatus e de tantos outros bichos que cruzaram, afetaram e interferiram nos processos históricos ao longo do tempo.

História dos animais: para um estado da questão

Atualmente, existe um debate crescente no campo da História dos Animais, conhecida internacionalmente a partir dos debates teóricos produzidos pelos chamados *Animal Studies*. Nomes importantes para a literatura internacional, como a historiadora Harriet Ritvo, que vêm desenvolvendo, desde a década de 1980, estudos sobre o lugar dos animais e suas histórias em dinâmicas nacionalistas e imperialistas, lançaram novas perguntas à historiografia, especialmente questionando a essencialidade humana da história (CAPOZZI, 2021). A história ambiental, campo de investigação também trabalhado por Ritvo, de onde indagações para uma historiografia menos centrada nos humanos já tinham surgido, propunha novos problemas históricos desde a década de 1960, com trabalhos importantes para o campo, como *Silent Spring* (1962) de Rachel Carson, que escreveu sobre o uso de pesticidas na agricultura, ou os trabalhos já clássicos de Alfred Crosby, como *The Columbian Exchange* (1972), em que o historiador cunha o termo ‘ intercâmbio colombiano’, que seria resultante do processo de trocas entre o Novo e o Velho Mundo, a partir de 1492. Esse encontro teria gerado, de acordo com o autor, uma revolução ecológica. Outro trabalho que busca discutir a natureza e o pensamento ambiental é a obra de David Arnold (2000), uma referência consolidada para análise dos elementos da natureza como problema da história.

Alguns trabalhos vêm evidenciando, nos últimos anos, a relevância do estudo dos animais e sua agência histórica. A historiadora das ciências Ewa Domanska é um dos exemplos que vêm discutindo como analisar outros sujeitos históricos em uma ciência que é, essencialmente antropocêntrica: a história. Como foi apontado por Domanska, objetos materiais e sua capacidade potencial para agir, além de provocar alterações no ambiente circundante tornaram-se temas de investigação (DOMANSKA, 2010). A historiadora

reforça que, no final da década de 1990, com o chamado “pós-humanismo crítico”, ocorreu uma grande mudança na compreensão da agência como tal. O tema principal das discussões passou a ser uma crítica ao antropocentrismo e à recentragem dos agentes não humanos: animais, plantas e coisas. A teoria ator-rede³ de Bruno Latour é uma das abordagens consideradas mais influentes, dentre as diversas perspectivas então adotadas, para compreender a agência dos não humanos. De acordo com a historiadora, é preciso valorizar o fato de que existe uma multiplicidade grande e importante nos métodos com os quais os estudiosos da história dos animais trabalham. Para Domanska, poderíamos alcançar “competências interespécies” (FUDGE, 2002) não apenas para pensar sobre a coexistência com animais no futuro, mas também para criar um conhecimento multiespécies do passado.

Como foi indicado pela historiadora Ewa Domanska (2010), a procura por um objeto resistente, ou seja, um objeto resistente às teorias dominantes na história e em outras ciências sociais, pode ser o objetivo do projeto não antropocêntrico de reflexão sobre o passado. Domanska escreveu sobre os chamados *objetos desobedientes* tendo como uma de suas grandes inspirações os trabalhos de Andrew Pickering, especialmente acerca dos *strange objects* (objetos estranhos). O trabalho de Pickering busca, sobretudo, mostrar empiricamente a existência de alguns objetos estranhos no mundo, como por exemplo coleções de pessoas e coisas (mortas ou vivas), o ser humano e os não-humanos etc. De acordo com Pickering, esses estranhos objetos, uma vez que são “impuros” – pois eles transgridem as fronteiras disciplinares tradicionais –, se seriamente considerados, poderiam mudar a definição de várias disciplinas humanas, sociais etc. Seguindo Latour e as observações de Pickering, Domanska passou a definir melhor o que entende por *objetos desobedientes*, aqueles que são estranhos e impuros. Objetos desobedientes são, logo, aqueles que desafiam o conhecimento contemporâneo e não se enquadram dentro das fronteiras disciplinares estabelecidas em seu tempo.

Emprestado de Domanska suas interpretações e proposições, acredito que, nos séculos do início da modernidade, alguns elementos naturais estudados passaram a serem vistos como objetos do conhecimento, mas de uma forma desobediente, ou seja, não “cabiam” dentro das estruturas epistemológicas vigentes e nas categorias de análise disponíveis para interpretá-los. Acredito ser este o caso dos animais americanos, como o tatu.

Na esteira dessas preocupações acima expostas, os estudos sobre a história dos animais têm desenvolvido discussões sobre a coexistência e relação entre humanos, animais e a natureza (THOMAS, 1982), a representação animal (FUDGE, 2002; BARATAY, 2015; LAWRENCE, 2015, 2019), uma história de animais vivos e não vivos, focada na materialidade de objetos feitos de produtos animais (FUDGE 2012, LAWRENCE, 2015), uma história dos animais marinhos e sua agência (FREITAS; BRITO, 2021), etc. No Brasil, nomes como Nelson Aprobato (2007), Regina Horta Duarte (2002, 2003, 2006, 2019, 2021)

³ A Teoria do Ator-Rede (TAR) é uma corrente da pesquisa em teoria social que se originou na área de [estudos de ciência, tecnologia e sociedade](#) na década de 1980 a partir, sobretudo, dos estudos de [Michel Callon](#), [Bruno Latour](#), [John Law](#), [Madelaine Akrich](#). A abordagem de Domanska, no entanto, não corrobora a teoria do Ator-Rede.

e Valéria Mara de Oliveira (2007, 2010), para citar alguns exemplos, vêm ressaltando as temáticas desses estudos desde os anos 2000. Centrar os animais na análise histórica parece ser uma tarefa urgente, assim como apontam Erica Fudge (2004, 2012) e Éric Baratay (2015). No final de 2021, esses debates ganharam ainda mais evidência na historiografia nacional com o lançamento do número especial da revista História, Ciência, Saúde, Manguinhos, intitulado *Reciprocidade em desequilíbrio: história das relações entre animais*. Essa edição conta com trabalhos que examinam temas relativos a agência dos animais (DUARTE et al 2021), como o canto das aves como um problema histórico (CORTÉS ZULUETA, 2021); a história do vegetarianismo no Brasil (OSTOS, 2021); os zoológicos na América (LEAL, 2021); a relação entre antropoceno e os atores não-humanos (Alves, 2021); os vírus e as relações multiespécies nas ciências de laboratório (LOPES; LARA, 2021); o papel das lhamas e sua transformação ao longo da história do contato entre América e o Velho Mundo (WAKIND, 2021), entre outros. Desta maneira, o presente trabalho visa acrescentar à produção historiográfica um estudo de caso, demonstrando as possíveis utilizações da história dos animais como método, juntamente da história das ciências.

Tatus: animais americanos

Dentre os mamíferos quadrúpedes das Américas, que passaram a ganhar a atenção dos intelectuais dedicados à teologia e filosofia animal, os tatus formavam um grupo de bestas⁴, as quais mais instigaram tais letrados. A anatomia externa desses animais americanos era o elemento que, possivelmente, mais chamava a atenção dos interessados em seus usos e sua conformação natural. De acordo com Willem Piso e Georges Marcgraf, autores cuja obra *Historia Naturalis Brasiliae* (1648) foi considerada uma das primeiras a estabelecer uma classificação mais organizada da fauna do Novo Mundo, havia três tipos de tatus habitantes das Américas, dos quais todos viviam no Brasil. Eles possuíam uma espécie de “armadura” que os protegiam e carregavam características específicas de cada um desses tatus, como a quantidade de cintos que suas placas possuíam, ou a sua cor. Além disso, o tamanho dos seus membros, como as patas, as garras, as caudas e os focinhos, eram outras pistas que auxiliavam na identificação de qual poderia ser a espécie destes animais. Na obra acima referenciada, também há, na descrição do chamado *tatu apara*, uma nota em que Marcgraf indicou que os restos destes animais americanos eram frequentemente levados aos Países-Baixos. Ademais, estes aspectos eram indicativos da domesticidade destes bichos, ou o seu contrário.

O tatu, de uma maneira geral, era um animal que despertava o interesse dos naturalistas, colecionadores e médicos europeus, desde as primeiras descrições mais completas deste bicho, especialmente por conta de suas “cascas escamosas”. Vale, ainda, ressaltar que os tatus foram constantemente utilizados como alegorias das Américas, especialmente em mapas-múndi feitos a partir do século XVII. A associação do tatu à

⁴ No período estudado, muitas das referências aos animais que aparecem em obras sobre a história dos animais, geralmente quadrúpedes, eram feitas a partir dessa categoria, assim como “feras” e “criaturas”.

América dizia respeito, evidentemente, ao seu local de origem, mas também a uma certa natureza específica que as representações deste tipo buscavam reivindicar. Isso significa que, além de indicar um representante da fauna do Novo Mundo, o qual era famoso por ser considerado exótico, a iconografia dos armadillos em mapas setecentistas – dos quais muitos, inclusive, eram neerlandeses – evocavam leituras sobre a natureza da própria América, um lugar considerado fértil, selvagem e exótico.

Os tatus foram trazidos das Américas no início do século XVI e tornaram-se, possivelmente, o animal exótico mais comum nas coleções do Velho Mundo (BRIENEN *apud* LAWRENCE, 2020). O naturalista suíço Conrad Gessner indicou, ainda no século XVI, que o tatu foi possivelmente transportado das Américas com facilidade, tendo em vista sua pele dura, que lhe possibilitava viajar longas distâncias (LAWRENCE, 2020). Em contrapartida, muitos outros animais quadrúpedes não resistiam à travessia marítima, e acabavam chegando na Europa mortos, ou morriam depois de poucos dias no continente. As descrições de carcaças de tatu nos mercados do Oriente Médio, feitas por outros autores contemporâneos a Gessner, como apontou Natalie Lawrence (2020), sugerem que estes animais americanos foram, também, transportados para mais a leste em meados do século XVI, através dos portos europeus. Tanto na Europa, como no Oriente Médio, a carcaça do tatu era usada como substância medicinal.

A importância dos animais do Novo Mundo, como fornecedores de elementos terapêuticos, era um dos motivos que mais resultava na extração de partes de animais que eram enviadas aos portos do Velho Mundo. Como foi mencionado por Marcgraf, o tatu viajava com frequência aos portos de sua terra natal para que nela fossem utilizados como medicamentos e, também para fazerem parte das coleções naturais existentes. Acreditava-se que as bestas encontradas nas terras americanas poderiam ser fonte inesgotável de remédios, por exemplo, para a varíola (ASÚA; FRENCH, 2016). Contra tal mazela, um dos meios de cura, emprestado dos nativos, era a utilização do pó obtido da cauda do tatu, misturado com uma preparação de sálvia, carne e esterco de gambá, além das cinzas das penas queimadas do pássaro *hoactzin* (ASÚA; FRENCH, 2016).

A compreensão do animal, como um possível antídoto para uma doença específica, demonstra que a história natural e a medicina dos séculos do início da modernidade eram bastante próximas. Conhecer a constituição natural dos animais era essencial para analisar as possíveis virtudes terapêuticas de uma criatura, sua classificação, mas também para entender a ligação existente entre ela e seu meio de origem, que com seus habitantes compartilhavam suas características essenciais.

O jesuíta Athanasios Kircher também foi um dos estudiosos que escreveu sobre os tatus, percorrendo longamente sobre a sua natureza. Em sua obra sobre a Arca de Noé (1675), ele realizou uma análise da extensão da arca e quais animais teriam sido inseridos nela, dentro de uma ordem geometricamente pensada. A descrição feita por Kircher sobre a besta americana foi acompanhada por uma imagem do tatu. Em sua descrição, o estudioso convida o leitor a examinar o exemplar conservado no seu museu, sobre o qual concluiu que este animal teria resultado do cruzamento de uma tartaruga com um ouriço. Kircher propõe uma

série de razões para explicar a geração destas criaturas bizarras, como por exemplo que o cruzamento entre espécies é muito mais fácil nas aves do que nos mamíferos, ou mesmo que o ovo de uma ave pode ser incubado por uma fêmea de outra espécie, de modo que a mãe transmita ao embrião a sua “natureza” (KIRHER, 1675, p. 13).

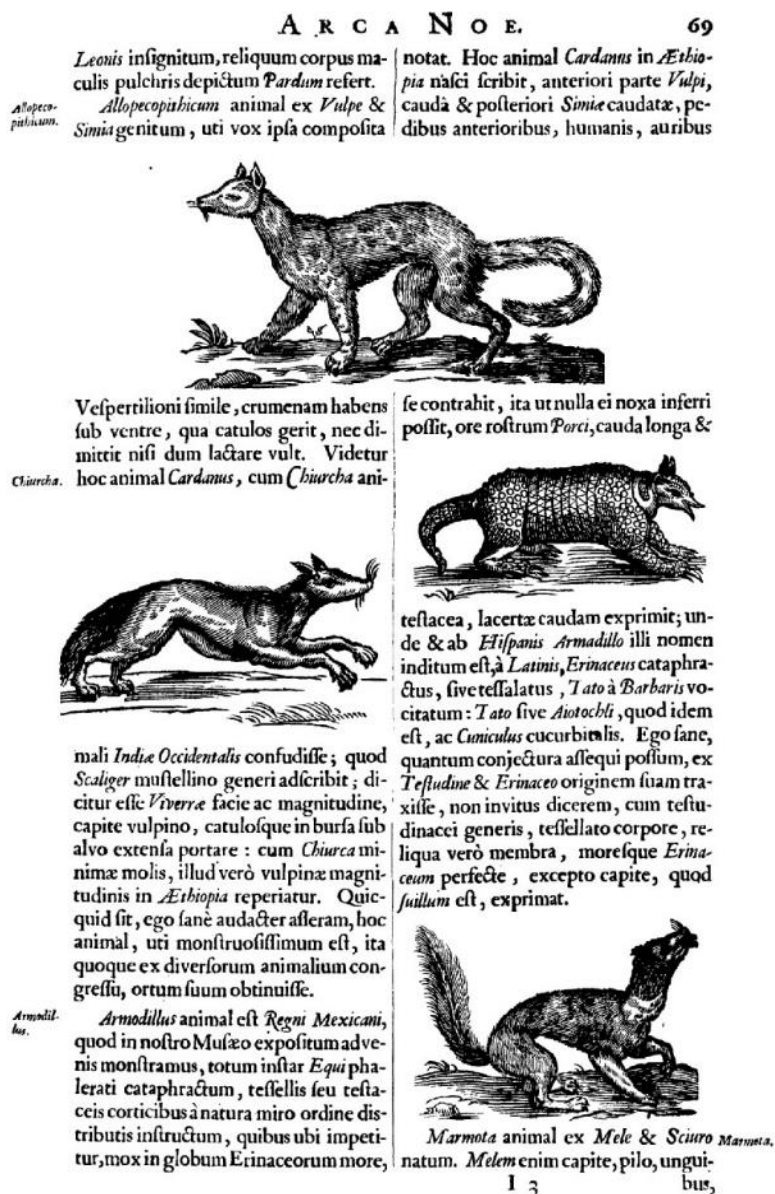


Figura 1 - KIRCHER, Athanasius. Hispanicum Armadillo, In: Arca Noë, in tres libros digesta [...]. Amsterdam: apud J. Janssonium a Waesberge, 1675. Disponível online pela Biblioteca Nacional da França. Acesso em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k111864r/f>.

Kircher, diferentemente dos neerlandeses, reconheceu este animal como habitante do reino do México, na América espanhola. No texto, que acompanha a imagem, o jesuíta germânico o descreveu, dizendo que o apresentou às pessoas que visitavam sua coleção como uma criatura maravilhosa, pertencente ao grupo dos ouriços, por conta da casca que ele possui, trabalhada como que em “costuras trançadas”.

Ainda que o seu corpo tenha sido apresentado como harmonioso no texto de Kircher, sua cabeça foi descrita como infantil, o que não concordava com o restante de sua conformação corporal. A proporção dos membros do corpo dos animais quando representada em imagens, era ainda mais expressivamente relevante. Neste caso, apenas a casca do tatu aparece em evidência, tanto de detalhes, quanto de tamanho em relação aos seus outros membros aparentes.

Sobre a coleção que Kircher possuía, bastante completa para seu tempo, o primeiro dos seus catálogos foi preparado por Giorgio de Sepi (1645-?), um dos seus curadores, juntamente do próprio Kircher. Entre os itens da coleção, havia, nas palavras do jesuíta, “coisas estranhas trazidas das Índias”. Além do tatu mexicano e do tatu nomeado como ‘cota-de-cota’, havia cascos de tartarugas marinhas, tão grandes que se dizia que no Brasil oitenta homens poderiam jantar com um deles (ASÚA; FRENCH, 2016). O museu também acomodava uma iguana, três peles de raposa americana da Nova Espanha e um lince mexicano. Depois de enumerar os animais recebidos do México, Sepi e Kircher descreveram as criaturas trazidas do Brasil. Um bico de tucano, assim como a plumagem de muitas aves diferentes foram enviadas do Brasil para o museu de Kircher, possivelmente por algum missionário jesuíta daquele país (ASÚA; FRENCH, 2016).



Figura 2 - SEPIBUS, Georgius de; KIRCHER, Athanasius. omani Collegii Societatis Jesu Musæum Celeberrimum [...]. Amsterdam, 1678. Disponível pela Biblioteca digital da Univeristät Bibliothek Heidelberg. Acesso em 20 de maio de 2024: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/sepib>.

Acima vê-se a reprodução de uma parte do catálogo em questão. Novamente, a imagem do tatu é copiada da obra dos naturalistas Piso e Marcgraf. No texto, que acompanha a imagem introduzida nesta obra, foi feita uma descrição morfológica do tatu. Dando atenção ao seu casco, também foi narrado que ele possuía cauda arredondada e longa, quatro pernas e pés com garras afiadas, além de uma cabeça apequenada, que lembrava a de um crocodilo fêmea, ou a de um porco. Evidentemente, as comparações dizem respeito ao fato de que o crocodilo possui uma pele que, aparentemente, lembrava o casco do tatu, além de que o focinho do tatu (considerando a dimensão da orelha e do focinho) poderia lembrar a dos porcos. De toda forma, as semelhanças diziam respeito à aspectos morfológicos encontrados, também, em outros animais considerado selvagens – ainda que o porco tenha sido domesticado. Embora tal elaboração concorde com a apresentação morfológica de Kircher, feita alguns anos antes, neste caso, afirma-se que este animal, proveniente do Novo Mundo, não era parente do ouriço. Segundo Sepi e Kircher, isso poderia ser comprovado a partir do estudo e comparação entre as suas dimensões e cores.

O fato de, em poucos anos, a classificação deste animal ter gerado dúvidas a Kircher e Sepi demonstra que, conhecer, coletar e descrever um animal, particular de uma natureza e local específicos, necessariamente, transformava-se em uma tarefa cada vez mais árdua com o passar dos anos. Posto que os fatores ambientais, da região onde esta criatura ocorria, eram levados, com mais frequência, em consideração, Isto se dava, especialmente, em obras e trabalhos, como os de Kircher, que buscavam entender as dinâmicas de origem e dispersão dos seres vivos de acordo com a Criação, além de trabalhos voltados para a história natural dos animais, em que aspectos do modo de vida e da própria constituição natural dos animais eram elementos mais centrais.

O médico espanhol Nicolas Monardes, anteriormente citado, fez mais comentários sobre o tatu em seu tratado de medicina das Índias. Mesmo que seu trabalho não se enquadre nos gêneros acima mencionados, revelou aspectos da vida dos animais, sobretudo ligados à sua constituição. Monardes disse que estes animais poderiam ser encontrados, vivendo entre o mar e a terra, na região de Cartagena, aos quais era dado o nome de lagartos. Ele relatou, além disso, que a cauda do tatu, quando moída, auxiliava na cura de ouvidos com problemas, como zumbido quando colocado no canal do ouvido. Junto da descrição escrita, como apontado no início da apresentação deste animal, Monardes inseriu na obra uma imagem que o ilustrava.



Figura 2 - Le Armadillo In: MONARDES, Nicolas. Primera, segunda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven en medicina; Tratado de la piedra bezaar, y dela yerva escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro, y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieve, y del beuer frío. Sevilla: Alonso Escrivano, 1580 [1574], p. 72-73. Disponível Online pela John Carter Brown Library. Acesso em 20 de maio de 2024: <https://americana.jcblibrary.org/search/object/jcbcap-ljcb-1-1-7046-10950004/>

Na imagem acima exposta, extraída da história médica de Monardes, vê-se que os detalhes em maior evidência são da carcaça do animal. Neste caso, a imagem, produzida anteriormente àquela de Piso e Marcgraf, reforça a pequenez do animal e a característica mais relevante de seu corpo: suas escamas. Ainda que Monardes tenha encontrado com facilidade tal espécime na coleção de Molina, os novos objetos que chegaram à Europa nos séculos XVI e XVII, às vezes, representavam um desafio às formas tradicionais europeias de ver o mundo (LAWRENCE, 2020). Estes objetos tiveram que ser integrados nos sistemas de classificação europeus, o que poderia ser uma tarefa difícil, mediante à falta de categorias alternativas onde tais animais se encaixassem.

Desde a Idade Média, os animais foram divididos pelos naturalistas ocidentais, a partir do método clássico das categorias aristotélicas, ou seja, quadrúpedes vivíparos, pássaros, baleias, quadrúpedes ovíparos e peixes. Criaturas como os tatus e os pangolins – por vezes confundidos entre si –, os quais transgrediram os limites entre estes grupos, os quais possuindo escamas e cabelos, com naturezas aparentemente semiaquáticas, mirmecofagia e viviparidade, exigiram uma mudança nas maneiras pelas quais o mundo natural foi ordenado e classificado (LAWRENCE, 2020). Como objetos desobedientes (DOMANSKA, 2010) o tatu e o pangolim ressaltavam a necessidade de produção de novas classificações e categorias de estudo dos animais, tendo em vista suas diferenças no modo de vida, comportamentos, morfologia e natureza. Sua agência, aqui apreendida a partir de seu modo de vida e formato, pode ser considerada foi indireta, através da estranheza que eles causaram aos naturalistas do Velho Mundo.

Em trabalhos de classificação e descrição natural do final do século XVII e início do século XVIII, e em alguns catálogos de coleções, os tatus e os pangolins tornar-se-iam explicitamente confundidos. À medida que o número de tipos de tatus aumentava, em trabalhos posteriores de classificação e em catálogos de coleções, também aumentavam as referências a eles ocorrendo nas Índias Orientais e na África, ao mesmo tempo que no Novo Mundo Ocidental. Mesmo em uma coleção “universal”, como a de Sir Hans Sloane, – responsável pela elaboração da coleção do British Museum – não necessariamente havia nelas uma organização universal, com espécimes trazidas do mundo todo, supostamente conhecível neste ambiente controlado. O que significa que, ainda que através de uma coleção bastante extensa, sobretudo para o período tratado, elas não pareciam “suficientes” para conhecer por completo a natureza desses objetos, manipulados e organizados em um determinado local controlado, onde muitos dos animais já estavam mortos e empalhados.

Desta maneira, as correlações, muitas vezes feitas unicamente a partir das características morfológicas do espécime empalhado, geravam afirmações que não condiziam com o modo de vida, a origem e a própria espécie analisada. Assim como no caso de outros animais, as origens atribuídas aos pangolins foram expandidas do Oriente para abranger as Índias Ocidentais, na medida que se acreditava que os tatus poderiam ser um tipo de pangolim da América. Em algumas publicações, os dois animais foram descritos indiscriminadamente. Esta confusão ainda seria levada em consideração por naturalistas do século XVIII, os quais buscavam estabelecer leis gerais, ao passo que também estavam determinados ao estudo das particularidades das espécies que ocorriam em cada local da Terra. Para Natalie Lawrence (2020), tanto a carcaça do tatu, quanto as escamas dos pangolins assumiam, nos textos do século XVII, características ambivalentes, ou seja, eram úteis para a proteção, ainda que fossem animais vulneráveis.

Acontece que, mesmo sendo um animal bastante conhecido, o tatu não era uma espécie, viva ou morta, tão comum em algumas coleções espalhadas por locais, como no Império Britânico. O fato de não terem explorado, nem colonizado, as regiões da América do Sul, os reduziu às experiências com uma parte menor, em quantidade de fauna americana, localizada na região norte do Novo Mundo. Por conta disso, e pela falta de trabalhos mais

específicos sobre a natureza particular de alguns animais, que até o século XIX, ainda gerariam dúvidas aos naturalistas, outros trabalhos de descrição morfológica e taxonômica sobre o tatu foram elaborados entre os séculos XVII e XVIII.

Como foi indicado por Lawrence (2020), animais como os tatus pareciam estar localizados nas fronteiras taxonômicas utilizadas, até então, por cronistas, naturalistas, médicos e outros estudiosos interessados no mundo natural. Estas fronteiras estavam baseadas na fauna conhecida do Velho Mundo. Alguns animais que viviam entre a água e o ar, ou entre a água e a terra, eram conhecidos, como os pequenos e grandes lagartos que habitavam alguns locais dos outros continentes, mas, também, as diferenças anatômicas, internas e externas, demonstravam novos desafios no estudo da vida, história e classificação destes bichos. Desta maneira, considero que a “desobediência” (DOMANSKA, 2010) das ditas bestas do Novo Mundo, em processo de se tornarem objetos do conhecimento natural, foi um elemento fundamental para a constituição de outras formas de análise e novas categorias, nas quais estes animais pudessem se enquadrar, dentro dos sistemas de classificação natural, que foram sendo constituídos no período estudado.

A localização dos tatus americanos também foi um fator relevante para a sua dissociação do pangolim, que com o tempo foram sendo reconhecidos como gêneros diferentes de bichos. O fato de boa parte dos tatus terem sido transportados para a Europa, a partir de portos localizados na América, promovia a maior convicção de que estes bichos não poderiam ser exatamente da mesma natureza que os pangolins. Ainda assim, muitos naturalistas o descreviam como pangolim americano. A variedade de espécies de tatus e o modo de vida desses animais, possivelmente foram os fatores que melhor auxiliaram na classificação exata do animal, assim como de seus habitats.

Além de ter sido comparado e confundido com lagartos e pangolins, os tatus também foram correlacionados ao ouriço. John Ray, o naturalista inglês que, entre o final do século XVII e o início do século XVIII, influenciou gerações de novos naturalistas e botânicos europeus, produziu descrições sobre o tatu, as quais contavam com maiores detalhes anatômicos e, a partir de então, geográficos sobre este animal americano. Ele escolheu escrever sobre algumas das habilidades que o animal possuía. Discorreu, sobretudo, acerca da sua faculdade de se preservar em forma oval, o que, segundo Ray, apenas alguns animais conhecidos até então possuíam:

A outra Criatura que assim se contrapõe e se transforma em uma figura globular ou oval para sua defesa é o segundo tipo de Tatou, ou Armadillo, largamente descrita por Marcgrave, Liv.6.cap. 9 pelo nome de *Tatou Apara*, que é coberto em suas costas e nas laterais por uma crosta ou casca forte e calcária, de uma substância dura ou óssea, articulada como uma armadura; ou as escamas da cauda de uma lagosta, por quatro transfere comissuras no meio do corpo, conectadas por membranas resistentes. Quando ele foge (como faz para a parte superior durante o dia, saindo para se alimentar durante a noite) ou quando alguém vai agarrá-lo, juntando as patas dianteiras e traseiras, por assim dizer, em uma ponta, e puxando as orelhas. De cabeça para dentro, e trazendo a cauda para a cabeça, por meio das comissivas mencionadas acima, ele inclina suas costas longe, até que

sua cabeça chegue a tocar sua parte traseira e, com a armadura, junte-se em uma bola redonda; as extremidades laterais da concha se tocando, e incluindo o corpo nas laterais, e as partes dianteiras e traseiras aproximando-se juntas, de modo que não há nada a ser sentido, mas a armadura da cabeça e da cauda, que, como as "portas", (abriga o buraco que as conchas do corpo deixaram abertas; isto é realizado por meio de um músculo notável em cada lado, de grande comprimento, tendo a forma da Letra X, feito de muitas fibras, descolando-se umas às outras por longos caminhos, com a ajuda da qual pode contrair sua casca e mantê-la contraída com uma força tão poderosa que ele pode estar diante do homem que é capaz de abri-la. (RAY, 1691, p. 336-337)

Acima, vê-se que Ray descreveu anatomicamente o movimento feito pelo animal, para que e pudesse se inclinar para dentro da armadura, protegendo-se. Segundo ele, este tipo de característica era dada pela natureza a alguns animais considerados mais frágeis, como o tatu e o ouriço.

Que a Natureza realmente desafia a Preferência e a Segurança das Criaturas mais enfermas, pela Armadura defensiva que deu a alguns deles, juntamente com a habilidade para viver, são, creio eu, demonstráveis no ouriço comum, ou ouriço, e em uma espécie de tatu. O ouriço tem as costas, os flancos e os flancos grossos, com fortes e (harpa Espinhos, e, com a ajuda de um músculo dado a ele para esse propósito, é capaz de transformá-lo em uma figura globular, e para se retirar, incluindo, e esconder toda a sua parte inferior, cabeça, barriga e pernas (que para as necessidades e conveniências da vida devem ser deixadas desprovidas desta armadura) dentro de seu esconderijo ou matagal de espinhos para que cães, ou outras criaturas vorazes, não possam agarrá-lo ou mordê-lo; ele sem ferir seus próprios narizes e bocas. O músculo pelo qual ele é capaz de se unir assim e reunir todo o seu corpo como uma bola, os acadêmicos parijanos descrevem como sendo um distinto: músculo carnoso [...]. (RAY, 1691, p. 335-336)

Ainda que tenham sido considerados animais diferentes, o tatu e o ouriço continuaram, até o século XVIII, sendo correlacionados pelas suas habilidades, e pelas suas semelhanças morfológicas, assim como foi o caso das relações entre os tatus e os pangolins acima mencionados. A análise anatômica e o uso de partes deste animal parecem ter sido os motivos mais recorrentes que justificavam as suas aparições em descrições de textos sobre o mundo natural do século XVII e início do XVIII.

Na obra intitulada *Synopsis Animalium Qudrupedum* (1693), Ray deu maiores detalhes sobre a classificação natural deste animal. Neste seu trabalho, cujo objetivo era menos teológico e mais naturalístico, o inglês apresentou e descreveu um maior número de animais quadrúpedes. Sobre os tatus, pelos quais se referiu a partir do mesmo termo, e não como armadillos. Ray seguiu as classificações antes estabelecidas por Marcgraf em 1648, em sua *Historia Naturalis Brasiliae*, considerando a existência de três sortes deste animal⁵. Esses

⁵ As sortes de tatus são nomeadas como Tatu peba, Tatu Apara e Tatu-ete. Todos foram considerados brasileiros e possuem uma ilustração junto de sua descrição escrita.

naturalistas destacaram a importância dos tatus no ecossistema e marcaram a primeira documentação científica sobre esses animais na literatura ocidental. As descrições feitas por eles foram fundamentais para o entendimento posterior da biologia e ecologia dos tatus, ajudando a estabelecer um legado importante na história das ciências naturais no Brasil.

Tem a forma de um porco e é aproximadamente do mesmo tamanho. A lórica⁶, onde se cobrem a cabeça, todo o corpo e a cauda, é uma miudeza, composta pela gordura mais elegante, possuindo duas juntas perto da nuca, para movimentar o potro. nas outras partes está intacto. Até os pés, onde se destacam, são cobertos por uma tanga mais fina. A parte inferior é tecida com raros pelos esbranquiçados, com um dedo de comprimento [...]. Pés em formato de mãos; quatro dedos, garras afiadas. Como um porco, ele cava o chão rapidamente. [...] eles comem melão, batata doce e outras raízes; eles se abstêm de matar carne. A carne deles é comestível. Vivem melhor em terra, embora sejam encontrados na água e em locais aquáticos. Comem minhocas, vermes e formigas. (RAY, 1693, p. 235)

Depois de fazer uma descrição baseada na estrutura morfológica deste animal e seus costumes alimentares, Ray apresentou as suas outras espécies

TATUETE Brasiliensis, espécie fértil de Tatu. [...] com uma pequena cabeça pontiaguda de 7 centímetros de comprimento; as orelhas são mais longas e eretas, com cerca de 5 centímetros de comprimento; A cauda também é 12 centímetros mais longa e as pernas são rígidas. Difere do anterior porque, nas patas dianteiras, possui quatro dedos, dois médios; nas patas traseiras, cinco, três médios e dois pequenos laterais. A testa e todo o corpo são cobertos de pelos, destacando-se nas laterais, de modo que as patas e a cabeça podem se esconder. [...] É de cor dourada de ferro, esbranquiçada nas laterais. O ventre é branco, como na pelagem anterior. A carne deste supera o resto em bondade. (RAY, 1693, p. 233)

As outras descrições seguem a nomenclatura utilizada por Marcgraf. Além disso, as indicações feitas pelo autor também seguiram o teor da primeira acima exposta, ou seja, focando nas características morfológicas. Ainda que Ray não tenha feito indicações geográficas sobre os locais onde estes animais habitavam, no nome inserido e utilizado para se referir a cada uma dessas espécies, há referências ao local de onde este animal originariamente era.

A estrutura de suas descrições difere bastante daquelas anteriormente elaboradas, sobretudo nas obras sobre a História do Novo Mundo ou em tratados de conquista e de medicina das Américas. Estas eram obras menos focadas na classificação e inventariamento das espécies de plantas e animais de cada local das Índias Ocidentais, mas sim em fazer propagar os possíveis frutos que as terras deste continente poderiam dar aos europeus. No caso das obras de História Natural que passaram a ser feitas, sobretudo, por influência do sistema de classificação criado e adotado por Ray, a localização dos animais era

⁶ Sinônimo de casca/ armadura.

um detalhe importante que ajudava a identificar não somente a origem e distribuição desses bichos, mas também a possibilidade de constituírem espécies distintas, ou não.

A ligação de todas as espécies da ordem dos tatus com boa parte das terras americanas, especialmente aquelas localizadas mais ao sul do continente parecia se tornar, gradativamente, uma verdade estabelecida nas obras de História Natural e mesmo na cartografia, em que se vê alguns mapas incluindo iconografias emblemáticas do tatu. Thomas Pennant, outro naturalista inglês bastante influente para seus contemporâneos, publicou em 1771 sua *Synopsis of quadrupeds*, reforçando este posicionamento ao descrever o animal dizendo que:

Todo o gênero habita a América do Sul: os costumes de todos são praticamente os mesmos: tocas subterrâneas; as espécies menores em locais úmidos, as maiores em locais secos e distantes do mar; fica em sua toca durante o dia, divaga à noite; ao ser ultrapassado, rola em forma de bola, o que faz por meio das faixas flexíveis do meio, tornando-se assim invulnerável; quando surpreendido, corre para sua toca e se considera seguro se conseguir esconder a cabeça e alguma parte do corpo. (PENNANT, 1771, p. 523)

Pode-se dizer, logo, que, desde pelo menos o final do século XVI e início do século XVII, os tatus foram estudados e comparados com outros bichos de casco, como os pangolins e até as tartarugas, o que poderia ou não indicar algumas das suas qualidades naturais. Esses animais foram considerados emblemáticos, seja por terem sido constantemente utilizado como motivos decorativos e alegorias referentes à América, ou mesmo pelas curiosidades morfológica e comportamental do animal.

Considerações finais

Para se tornar um objeto de estudo da filosofia e da teologia natural, a Natureza específica era compreendida e estudada, sobretudo, de acordo com o comportamento, a conformação natural, a utilidade e o quão próximos tais bichos eram considerados dos humanos. Neste sentido, numa perspectiva em voga no período, da teologia aristotélica, as Naturezas específicas garantiriam uma ordem das coisas, ainda que existissem seres gerados pela sorte, erro ou acaso da Criação, como monstros e híbridos (DASTON, 2017).

A narrativa que se criava sobre os habitantes não-humanos deste Novo Mundo, evidentemente, fazia parte dos interesses coloniais e comerciais de tais potenciais ultramarinos (VAN DUZER, 2023; FREITAS; BRITO, 2021). Por outro lado, a produção de conhecimento sobre estas criaturas não era puramente política, contendo em si embasamentos intelectuais que auxiliavam na delimitação dessas “novas” bestas dentro da explicação do mundo e de sua Criação. A Natureza específica, logo, era entendida, por exemplo, a partir de Natureza “local”. Como afirma Lorraine Daston (2017), elas eram identificadas e compreendidas a partir do poder do lugar. Assim, pode-se considerar que as naturezas locais referiam-se às combinações de características das plantas, dos animais, do

clima e dos tipos de solo, que davam concretude a uma paisagem específica.

No início da época moderna, as Naturezas locais eram correlacionadas com os costumes locais. Estendendo-se até o século XVIII, no campo das políticas e do estudo da geografia, por exemplo, tal perspectiva permanecia nos raciocínios de ilustrados como Montesquieu, que desenvolveu uma análise sobre a harmonia entre o povo de um determinado local, o seu clima, a sua Natureza, a topografia e as leis locais aplicáveis a tal conjunto. Na Teologia e na Filosofia Natural, que andavam de mãos dadas com a História Natural, a ideia de harmonia estava no cerne das preocupações de investigadores naturais que analisavam Naturezas ditas locais entre o séculos estudados nesta tese.

Desta forma, com o auxílio dos textos bíblicos, da cosmografia e da medicina, estas áreas de investigação, que muitas vezes se entrelaçaram, deram conta de enquadrar as bestas do Novo Mundo dentro de um panorama maior, do mundo conhecido. Os tatus, considerados emblemas da América, animais ditos “guerreiros” por conta de sua carapaça descrita como “armadura”, podem ser considerados os animais exóticos mais comuns, em quantidade, a ocuparem gabinetes de curiosidade europeus. Ainda que fossem entendidos como criaturas inofensivas, o significado não apenas simbólico, mas também metafísico deste animal, especialmente analisado pela estrutura de seu corpo, indicava a curiosidade e até mesmo alguma virtude terapêutica que este animal poderia carregar, já que outros quadrúpedes similares, como o ouriço, eram considerados seres com propriedades terapêuticas para doenças que acometiam o estômago e a cabeça. Eles foram intitulados pangolins americanos por alguns naturalistas, ou um tipo de lagarto por outros letrados, que avaliaram como indicativos de ligação a pele escamosa, assim como o modo de vida desses animais. As tentativas de enquadrá-lo como um animal similar reforçam a não passividade dos tatus, na medida que se apresentavam como objetos que forçavam os naturalistas a reconsiderarem as categorias de classificação dos animais.

Referências Bibliográficas

Fontes

KIRCHER, Athanasius. **Arca Noë, in tres libros digesta [...]**. Amsterdam: apud J. Janssonium a Waesberge, 1675.

MONARDES, Nicolas. **Primera, segunda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales, que sirven en medicina; Tratado de la piedra bezaar, y dela yerva escuerçonera; Dialogo de las grandezas del hierro, y de sus virtudes medicinales; Tratado de la nieve, y del beuer frío**. Sevilla: Alonso Escrivano, 1580 [1574],

PENNANT, Thomas. **Synopsis of quadrupeds**. Chester: printed by J. Monk, 1771.

PISO, Willem; MARCGRAF, Georges. **Historia naturalis Brasiliae**. Leiden: apud Franciscus Hackium et Amstelodami apud Lud. Elzevirium, 1648.

RAY, John. **Synopsis methodica Animalium quadrupedum et serpentini generis: vulgarium notas characteristicas, rariorum descriptiones integras exhibens [...]**. Londres: Impensis S. Smith & B. Walford, 1693.

_____. **The Wisdom of God Manifested [...]**. London: Printed for Samuel Smith at the Princes Arms, 1691.

SEPIBUS, Georgius de; KIRCHER, Athanasius. **omani Collegii Societatis Jesu Musaeum Celeberrimum [...]**. Amsterdam, 1678.

Bibliografia

ARNOLD, David. **La naturaleza como problema histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa**. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

ASÚA, Miguel de FRENCH, Roger. **A New World of Animals**. Early Modern Europeans on the Creatures of Iberian America. London and New York: Routledge, 2016.

BRITO, Cristina. "Pessoas, manatins e o ambiente aquático na América moderna: confluência e divergência nas interações históricas entre humanos e animais". **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 81, 2019, p. 163-184.

BARATAY, Éric. Constructing an Animal History. In: CHONÉ, Aurélie; HAJEK, Isabelle; HAMMAN, Philippe (ed.). **Rethinking Nature: Challenging Disciplinary Bouderies**. London: Routledge, 2017, p. 232-242.

_____. Building na Animal History. In: MACKENSIE, Louisa; POSTHUMUS, Stephanie (ed.) **French Thinking about Animal**. East Lansing: Michigan State University Press, 2015, p. 3-14.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Editora Gaia, 2010 [1962].

CORTÉS ZULUETA, Concepción. "Sobre la historia de los cantos de las aves o los cantos de las aves como historia". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 28, supl., 2021.

CAPOZZI, Rebeca. **Experiência e descrição**: os animais da França Equinocial entre a atividade franciscana e a filosofia natural (1612-1615). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2021.

DASTON, Lorraine. **Historicidade e Objetividade**. São Paulo: Editora LiberArs, 2017.

DUARTE, Regina Horta. "Cavalinhos, leões e outros bichos: o circo e os animais". **VARIA HISTÓRIA**, v.26, n.26, 2002, p. 97-106.

DUARTE, R. H. et al.. Reciprocidades em desequilíbrio: história das relações entre animais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, 2021, p. 7-10.

_____. "Nature and Historiography in Brazil", **Iberoamericana América Latina España, Portugal**, v. 3. no 10, 2003, p. 23-36.

_____. "Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção", **Latin American Research Review**, v. 41, n. 1, 2006,

_____. "História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformações". **Dossiê Balances de Historia Ambiental en América Latina. HALAC**, v. 9, n.2, 2019, p. 16-44.

DOMANSKA, Ewa. "Beyond Anthropocentrism in Historical Studies". **Historiein**, v. 10, 2010, p. 118–130

FREITAS Joana Gaspar de; BRITO, Cristina. "A Bixa Baleia: Ou a história de um manuscrito sobre o maravilhoso do mar." **Imaginários do mar: uma antologia crítica**, v.2, 2021, pp. 203-209.

FUDGE, Erica. **Renaissance Beasts: Of Animals, Humans and Other Wonderful Creatures**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2004.

_____. A Left-Handed Blow: Writing the History of Animals. In: ROTHFELS, Nigel (ed). **Representing Animals**. Bloomington: Indiana University Press, 2002, p.3-18.

_____. "Renaissance Animal Things". In: LEE, Paula Young; YOUNGQUIST, Paul; LANDES, Joan B. (ed.). **Gorgeous Beasts: Animal Bodies in Historical Perspective**. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2012, p. 41-56.

LAWRENCE, Natalie. Early biogeographies and symbolic use of pangolins in Europe in the 16 th -18 th centuries. In: CHALLENGER, Daniel W S; NASH, Hellen; WATERMAN, Carly. **Pangolins. Science, Society and Conservation**. Academic Press, 2019.

LEAL, Claudia. "Selvagens e confinados: uma história dos zoológicos colombianos e suas

revelações sobre os destinos de animais e entrelaçamentos do Estado, décadas de 1930 a 1990." **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., 2021.

LOPES, Gabriel; LARA, Jorge Tibilletti de. "O coelho é a saúva: a proposta brasileira e o uso do vírus do mixoma (MYXV) contra a praga de coelhos na Austrália, 1896- 1952". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., 2021.

MCLAUGHLIN, Ryan Patrick. *Christian Theology and the Status of Animals*

OLIVEIRA, Valéria Mara de. **Nascidas do Sol e da Chuva**: Minas Gerais e o combate às saúvas. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil, 2007.

OLIVEIRA, Valéria Mara de. "O Brasil contra a saúva: considerações sobre a Campanha Nacional de 1935", **Cadernos de Pesquisa do CDHIS-UFU**, v.23, 2010, p 563-580.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho De. "Carnivorismo é uma civilização": vegetarianismo brasileiro e discursos sobre os animais, 1902-1940". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., 2021.

PÁDUA, José Augusto. "As bases teóricas da história ambiental". **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, 2010, p. 81-101.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1982].

VAN DUZER, Chet. **Frames that Speak**: Cartouches on Early Modern Maps. Hardback, 2023.

WAKILD, Emily. "Aprendendo com a lhama: sobre os amplos contornos de contribuições culturais e expansão geográfica". **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.28, supl., 2021